

Entrevista concedida à revista *PontodeAcesso* pela Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques à Profa. Dra. Maria Teresa Navarro de Brito Mattos e à Profa. Ms. Aurora Freixo, com apresentação do Prof. Dr. José Maria Jardim.

APRESENTAÇÃO

A construção de um campo científico resulta de percursos variados de instituições, grupos e indivíduos ao longo de um processo histórico sempre complexo. A história da ciência mostra-nos que não são necessariamente nítidas as fronteiras dos diversos territórios que incluem aspirações de um coletivo profissional, projetos individuais e as instituições legitimadoras do conhecimento científico. Sincronias e contradições habitam com mais ou menos frequência o fazer social da ciência. Na Arquivologia não seria diferente, especialmente a partir dos anos 90, quando a área passa a ser visualizada e buscada por muitos dos seus atores como um campo científico. Era (e continua sendo) imprescindível renovar perguntas e encontrar respostas numa Arquivologia que respondesse a questões então emergentes na produção, preservação e uso dos arquivos.

Ao oferecer-nos esta entrevista da Dra. Angélica Alves da Cunha Marques, a Revista Ponto de Acesso exemplifica muito bem o quanto este tipo de recurso pode enriquecer uma revista científica. Temos acesso à fala do pesquisador, sua trajetória nunca linear, suas escolhas, suas conexões com agências e agentes do seu universo científico e suas perspectivas.

Movida pela inquietação imprescindível à produção do conhecimento, somada ao talento e vocação devidamente cultivados desde a graduação em Arquivologia na Universidade de Brasília, a Dra. Angélica Alves da Cunha Marques é uma arquivista e senhora do seu tempo. Provavelmente, as suas indagações na Arquivologia não encontrariam eco se tivessem ocorrido uma década mais cedo. Suas inquietações e resultados alcançados nos últimos anos não encontrariam suficientes interlocutores, audiência e nem o ambiente necessário para florescerem.

Profa. Dra. Maria Teresa Maria Navarro de Brito Mattos
Diretora do Arquivo Público do Estado da Bahia
e professora do Instituto de Ciência da Informação-ICI/UFBA
teresanb.matos@gmail.com

Profa. Ms. Aurora Leonor Freixo
Coordenadora do Colegiado de Graduação em Arquivologia
Professora do Instituto de Ciência da Informação-ICI/Universidade Federal da Bahia-UFBA/ICI
aurorafreixo@gmail.com

Prof. Dr. José Maria Jardim
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNRIO
jardimbr@gmail.com

Dra. Angélica Alves da Cunha Marques
Graduada em Arquivologia (2003), mestrado (2007) e doutorado (2011) em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília-UnB.
Professora do Curso de Arquivologia da UnB
prof.angelicamarques@gmail.com

Apropriando-se das novas possibilidades da Arquivologia pós anos 90, a Dra. Angélica Alves da Cunha Marques construiu diálogos com outros campos e mergulhou nos árduos caminhos da pesquisa. Essa não é uma tarefa fácil, embora estimulante, sobretudo quando ocorre num cenário de reconfigurações científicas, algo que temos vivenciado na Arquivologia. Seu trabalho, reconhecido pelos seus colegas e justamente premiado, favorece a visibilidade da área no Brasil e ilumina de forma significativa aquilo que tendemos a designar como Arquivologia contemporânea.

Portanto, desfrutem DESSA entrevista. Vale a pena saber um pouco mais dessa rica trajetória que, esperamos, possa ser cada vez mais frequente no ensino e pesquisa em Arquivologia no Brasil.

Prof. Dr. José Maria Jardim

ENTREVISTA

PA: Registramos os agradecimentos em nome da Revista Ponto de Acesso, pela sua disponibilidade em conceder parte do seu tempo, para nos brindar com esta entrevista. Inicialmente, a senhora poderia relatar a motivação que a direcionou para a Arquivologia?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques : Sinto-me imensamente honrada e feliz com esta oportunidade de falar um pouco acerca de uma das minhas grandes paixões, a Arquivologia. Agradeço à Revista Ponto de Acesso por conceder-me, tão gentilmente, este precioso espaço.

Quando vim do interior de Minas Gerais para Brasília e optei por fazer vestibular na Universidade de Brasília (UnB), não conhecia a Arquivologia. Ainda jovem, procurei cursos mais conhecidos, como o de Direito e Relações Internacionais. Depois de algumas tentativas malsucedidas, senti que não estava seguindo o caminho certo e procurei um primo que fazia Arquivologia, para saber um pouco sobre o curso. Após o relato dele quanto às múltiplas relações da Arquivologia com outras áreas e às habilidades e competências requeridas do arquivista, concluí que me identificaria com a área e que seria uma boa opção fazer o vestibular para a Arquivologia. Além disso, o fato de o curso ser oferecido no período noturno seria compatível com a minha necessidade de trabalhar durante o dia. Assim ingressei na área, cheia de expectativas. Já se passaram doze anos e ainda carrego inquietações e curiosidades semelhantes às aquelas do tempo em que era estudante de graduação.

No curso de graduação em Arquivologia da UnB, a senhora já sinalizava uma inquietação quanto à configuração e institucionalização da área no Brasil. Acreditamos que este fato conduziu a integrar-se ao grupo de pesquisa do CNPq, sob a coordenação da professora

Georgete Medleg Rodrigues. Perguntaríamos, então, qual o percurso de sua aproximação com a investigação acadêmico-científica em Arquivologia?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques Desde o início da graduação, questionava meus professores sobre a trajetória da Arquivologia no Brasil. Em resposta, ouvia alguns fragmentos da sua história, influenciada pelos franceses e norte-americanos. A cada dia, ficava mais instigada a conhecer, mais profundamente, o desenvolvimento da área. Soube que poderia fazê-lo mediante uma pesquisa de iniciação científica. Todavia, precisava encontrar um professor disposto a me orientar e o quadro docente do curso ainda era pequeno, o que dificultava os meus planos (o curso tinha acabado de perder uma professora que falecera e o seu quadro era de apenas quatro professores efetivos). Depois de contatar os professores com os quais tinha aula, cheguei ao nome da Prof.^a Georgete, quem eu ainda não conhecia. A ela me apresentei e apresentei meus planos, imediatamente acolhidos num projeto de iniciação científica, que teve início em 2002¹. Para minha surpresa, a professora tinha um projeto de pesquisa em andamento sobre a institucionalização da Arquivologia no Brasil, com uma orientanda de mestrado². Nossos interesses, então, se casaram e, orientada por ela, pude iniciar a investigação sobre a produção científica relacionada à Arquivologia no Brasil. Foi um momento de muitas e intensas descobertas, diante dos desafios de conciliar ideias (ainda difusas), bem como as demais atividades acadêmicas e de estágio com a pesquisa. O projeto, concluído em 2003, propiciou-me o conhecimento da configuração atual da Arquivologia no Brasil, dos cursos de graduação e das pesquisas desenvolvidas em parte desses cursos e na pós-graduação. Fiquei ainda mais motivada a mergulhar no mundo da pesquisa, tendo em vista a trajetória da Arquivologia brasileira. A minha inserção no grupo de pesquisa “As políticas de informação do Estado e a gestão dos patrimônios documentais” foi consequência da parceria estabelecida com a Prof.^a Georgete e uma oportunidade de interlocução direta com colegas que estavam estudando temas próximos àquele que eu buscava pesquisar. Nesse sentido, agradeço à Prof.^a Georgete por sua generosidade, pela confiança depositada em mim, por ter-me aberto portas e janelas e, sobretudo, pela impecabilidade com a qual sempre conduziu a sua orientação, primando, sempre, pelo rigor científico.

Considerando a sua trajetória de pesquisadora, gostaríamos de compartilhar da sua experiência quanto à realidade, no âmbito das universidades públicas brasileiras, no que diz respeito à pesquisa na área.

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques: No projeto de iniciação científica, começamos um mapeamento das pesquisas com temas voltados para os arquivos e para a Arquivologia, desenvolvidas em cursos de graduação brasileiros. Identificamos, naquele

¹ CUNHA, Angélica Alves da; RODRIGUES, Georgete Medleg. A pesquisa em Arquivística no Brasil: um estudo da produção científica nos programas de pós-graduação e de iniciação científica e do papel das agências financiadoras. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UnB, 9., 2003, Brasília. *Resumos...* Brasília: UnB, 2003.

² RODRIGUES, Georgete Medleg. Construindo um objeto de pesquisa em Arquivologia: algumas reflexões. *Informação arquivística*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2012.

momento, dezenove projetos de iniciação científica produzidos em cursos de Arquivologia, Antropologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais e Comunicação Social de várias universidades. Esses projetos contemplavam questões relacionadas ao gerenciamento da informação e à gestão documental, ao perfil dos alunos de Arquivologia, à memória, à formação profissional do arquivista, à terceirização nos arquivos, ao estudo da produção científica e à avaliação documental. No mestrado³, demos continuidade a esse mapeamento e identificamos trinta projetos de iniciação científica, produzidos pelos nove cursos de Arquivologia existentes até então e pelos cursos de Biblioteconomia que nos retornaram. Os principais temas que perpassavam esses projetos eram: o objeto e a finalidade da Arquivologia, as funções arquivísticas, os arquivos e a sociedade e o meio profissional dos arquivos. Evidentemente, estes números estavam muito aquém da real produção desses cursos, mas já indicavam avanços na pesquisa desenvolvida no âmbito da graduação e na própria configuração científica da Arquivologia.

Já na pós-graduação, num primeiro momento (no nosso projeto de iniciação científica) mapeamos 57 dissertações e teses, com uma diversidade considerável de temas, desde o diagnóstico de acervos arquivísticos até estudos de caso. Entretanto, destacavam-se pesquisas voltadas para o tratamento/organização de documentos (classificação, avaliação, descrição, recuperação da informação, etc.) e para as novas tecnologias da informação (principalmente documentos eletrônicos). Na outra etapa da pesquisa (mestrado), ampliamos esse mapeamento, identificando 77 dissertações e 10 teses, produzidas em programas de pós-graduação diversos, com temas voltados para o objeto e a finalidade da Arquivologia, as funções arquivísticas, os arquivos e a sociedade e o meio profissional dos arquivos. No doutorado, atualizamos o referido mapeamento e encontramos 86 dissertações e quinze teses, também pulverizadas em diversos programas (majoritariamente na Ciência da Informação). Na última atualização que fizemos, para um trabalho apresentado na II Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ)⁴, identificamos 209 dissertações e 38 teses com temas arquivísticos, defendidas até 2010. Podemos observar, portanto, que a produção científica arquivística tem crescido bastante nos últimos anos, o que reforça a cientificidade da área e nos remete à nossa responsabilidade de darmos continuidade a essas pesquisas, por meio de novas orientações de alunos da graduação e da pós-graduação.

Quais são as possibilidades de financiamento da pesquisa em Arquivologia?

³ MARQUES, Angelica Alves da Cunha. *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil*. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

⁴ MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia. A pesquisa científica em Arquivologia no Brasil. In: MARIZ, Anna Carla de Almeida; JARDIM, José Maria; SILVA, Sérgio Conde de Albite. (Org.). *Novas dimensões da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Móbile; Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p. 74-88.

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques: No projeto de iniciação científica, também tínhamos por objetivo mapear as possibilidades de financiamento em Arquivologia, por meio da identificação de projetos de pesquisa de professores da área nos arquivos das agências financiadoras. Contatamos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para obtermos informações quanto aos pedidos de bolsas e/ou auxílios, mas não obtivemos retorno. Dessa forma, esse objetivo do projeto não foi alcançado e ainda é uma questão a ser investigada. Acredito que, pelo papel que essas duas instituições desempenham no cenário nacional em relação ao fomento à pesquisa, elas se apresentam como as duas maiores possibilidades de financiamento, paralelamente às agências estaduais.

Na opinião da senhora, qual a relação existente entre a pesquisa em Arquivologia e a pesquisa em outras áreas do campo da informação?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques: No doutorado (a exemplo do mestrado), desenvolvemos uma pesquisa arquivística num programa de pós-graduação em Ciência da Informação. Diante da tendência, aparentemente natural, de se considerar a Arquivologia como um anexo da Ciência da Informação, buscamos contemplar o campo da informação como um espaço que abriga as disciplinas que têm por objeto a gênese, organização, comunicação e recuperação da informação. Ou seja, estudamos a Arquivologia como uma disciplina que busca a sua autonomia e tece relações (de parcerias, conflitos e alianças) com a Biblioteconomia, a Museologia e a Ciência da Informação, disciplinas que têm compartilhado espaços acadêmico-institucionais nas universidades brasileiras. No nosso último mapeamento das dissertações e teses arquivísticas, produzidas até 2010, observamos que estas têm se voltado para questões que tangenciam o objeto e a finalidade da disciplina (17%), os problemas particulares relativos aos arquivos (ética, acesso à informação e proteção da vida privada) (16%), os arquivos privados/pessoais, o meio profissional dos arquivos e as tecnologias (10%), os suportes, os tipos de arquivos, os arquivos nas suas relações com a sociedade (9%), a gestão dos programas e dos serviços de arquivos e as funções arquivísticas (8%), além da história dos arquivos e da Arquivologia (0,6%). Ou seja, essas pesquisas contemplam aspectos específicos da Arquivologia e questões comuns às demais disciplinas que têm por objeto a informação. Nesse sentido, há que se considerar o esforço dos autores para encontrar pontos de interlocução entre a Arquivologia e cada uma das áreas/linhas de pesquisa nas quais foram desenvolvidas as pesquisas. Quarenta e três por cento das 247 pesquisas com temas arquivísticos foram produzidas na Ciência da Informação. Logo, essas pesquisas tiveram de contemplar questões abrangidas pelas duas disciplinas.

A tese, que a senhora defendeu em 2011, “Interlocuções entre a Arquivologia Nacional e a Internacional no Delineamento da Disciplina no Brasil”, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, revela-se como uma contribuição significativa para a construção conceitual e científica da área de

Ciência da Informação, e mais especificamente em Arquivologia. Isto porque, neste ano de 2012, a sua tese obteve três importantes distinções: o concurso monográfico - Prêmio Maria Odila Fonseca, conferido pela Associação dos Arquivistas Brasileiros; o Prêmio Ancib Melhor Tese 2012, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação; além do Prêmio Capes 2012, concedido aos pesquisadores da mais alta distinção acadêmica nacional, na área de Ciências Sociais Aplicadas I. Qual o significado deste reconhecimento para a senhora como pesquisadora e professora na área de Arquivologia?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques A: Esses prêmios foram uma grande surpresa. Havia encaminhado o texto da minha tese para concorrer ao Prêmio de Monografia Maria Odila Fonseca, porque minha pesquisa alinhou-se aos objetivos da tese dessa saudosa professora, tendo, como desdobramento do objeto, a epistemologia arquivística (meu objeto, num primeiro momento, tinha características mais históricas que epistemológicas). Quanto aos dois últimos prêmios, minha tese foi encaminhada pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UnB, após indicação dos professores daquele programa. Eu já havia ficado muito feliz de ter o trabalho indicado pelos meus mestres, que tanto colaboraram nos meus estudos e que hoje são meus colegas de trabalho. Entretanto, não esperava que a pesquisa fosse premiada nas três instâncias. Até agora não consigo acreditar nas três premiações que ocorreram num intervalo de um mês, quando me lembro das dificuldades e dos desafios que enfrentei ao longo de dez anos para desenvolver a pesquisa. Sobretudo no doutorado, o trabalho, embora imensamente prazeroso, foi solitário e árido, exigindo bastante dedicação e uma imersão total em leituras da área e da Sociologia da Ciência, base para os referenciais teóricos da tese. Eu esperava, somente, concluir a pesquisa conforme os objetivos propostos. Receber esses prêmios significa bem mais que uma grande conquista pessoal. Ao estudar a trajetória da Arquivologia no mundo e no Brasil, das suas práticas às suas conquistas científicas, entendo que uma pesquisa arquivística ser reconhecida no âmbito da Ciência da Informação e das Ciências Sociais Aplicadas significa a conquista do que Pierre Bourdieu (o principal referencial teórico da tese) chama de “capital científico”, o capital que sustenta as disciplinas nas suas lutas no campo científico. Eu tive o privilégio de vivenciar o que estudei: presenciar e participar da conquista de visibilidade da Arquivologia no campo da informação. Por isso, acredito que esses prêmios não sejam somente meus; sejam de toda a comunidade arquivística brasileira. Sinto-me honrada de participar dessa comunidade e poder contribuir, de alguma forma, para a sua autoafirmação. Outras pesquisas já vêm sendo desenvolvidas com bastante qualidade e, com certeza, trarão outras contribuições nesse sentido para a área.

Qual a sua visão analítica e crítica em relação à Arquivologia contemporânea?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques: Estudar a trajetória da Arquivologia trouxe um acalento para as inquietações que me movem nos últimos anos. Eu me emocionei em vários momentos, ao encontrar documentos que testemunham os esforços de pessoas

que acreditaram na relevância do trabalho do arquivista e do desenvolvimento científico de uma disciplina que se voltasse para as demandas desse trabalho. Diretores do Arquivo Nacional, professores, pesquisadores, profissionais que desempenharam o papel de arquivistas em várias instituições buscaram formas diversas de institucionalizar a área, por meio de eventos, cursos, pesquisas e publicações. É natural que o caminho da Arquivologia tenha sido o de atender a demandas de forma prática, num primeiro momento; desenvolvendo técnicas cada vez mais profícuas ao longo de séculos; até chegar à configuração atual, que conjuga práticas, estudos e pesquisas que busquem aprimorar a organização de acervos, diante das múltiplas demandas informacionais, institucionais, pessoais e sociais. Paralelamente à trajetória da disciplina, vemos a formação de um profissional que não se limita a cursos avulsos, mas que participa da criação e expansão dos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades, desenvolve pesquisas e se congrega em associações, buscando, inclusive um conselho de classe. A identidade do arquivista forma-se em sintonia à identidade da Arquivologia, em movimentos convergentes que coroam uma linda história profissional e científica. Infelizmente, ainda percebemos que alguns alunos e colegas têm uma visão da área restrita à prática, desconsiderando a relevância da pesquisa. Acredito que a visibilidade social do arquivista e científica da Arquivologia somente manter-se-ão mediante o desenvolvimento progressivo de pesquisas e estudos sérios, que busquem aliar as práticas às teorias. Quanto a isso, tenho uma percepção otimista: penso que, na medida em que os cursos forem se expandindo, teremos cada vez mais arquivistas atuando no mundo dos arquivos e nas universidades, de maneira a fortalecer a identidade e o reconhecimento da área e da profissão. Não que as contribuições dos colegas das outras áreas não sejam relevantes. Parcerias são sempre bem-vindas na resolução de problemas complexos. E devemos reconhecer que, por séculos, por décadas, os arquivos foram organizados e liderados por outros profissionais, sobretudo pelos historiadores. Todavia, acredito que já tenhamos condições de assumir esses papéis e essas responsabilidades.

Como a senhora vê os movimentos organizados, atualmente, no Brasil (eventos, produção intelectual, movimentos associativos, etc.) com vistas ao fortalecimento da Arquivologia?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques: Vejo esses movimentos simultaneamente como propulsores e resultados do desenvolvimento científico da Arquivologia e da identidade do arquivista diante dos demais profissionais, especialmente dos profissionais da informação. O desenvolvimento científico de uma disciplina não se dá aos saltos, repentinamente. São séculos de eventos, produção intelectual, movimentos associativos e da criação de cursos para que se chegue à configuração científica. No Brasil, observamos, além do Arquivo Nacional e das universidades, a preciosa atuação das associações. A Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), criada em 1971, ao realizar o primeiro Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA) um ano depois, contempla, em uma de suas sessões, a discussão do currículo mínimo para os cursos de graduação em Arquivologia. A partir desse evento, podemos vislumbrar o papel dessa instituição para a congregação de

profissionais e para o desenvolvimento acadêmico da disciplina. São vários aspectos que se entrecruzam para o fortalecimento de uma área e isso somente pode ser compreendido a partir de um estudo retrospectivo que monte o quebra-cabeça da sua trajetória, reconhecendo, nele, a imagem de alguns atores e autores, além de muitos profissionais anônimos.

A Arquivologia brasileira, certamente, vivencia um momento marcante com a criação, no ano de 2012, do Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO. A proposta da pós-graduação em apreço é qualificar gestores de documentos e arquivos para atuarem em instituições arquivísticas públicas e privadas. Como a senhora avalia esse novo espaço de formação profissional?

Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques: Trata-se de uma iniciativa louvável, há muito esperada por todos e empreendida pelos corajosos colegas do Rio de Janeiro. Como mencionei, o número de pesquisas arquivísticas desenvolvidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* é significativo. Mais do que números, trata-se de pesquisas de inegável qualidade científica. Essa iniciativa pioneira com certeza já está inspirando outras que se concretizarão em mestrados e doutorados acadêmicos e profissionais, que serão mais um espaço de interlocução arquivística. A formação do arquivista não pode restringir-se à graduação, uma vez que as demandas informacionais são cada dia mais complexas e exigem estudos mais profundos. Cursos de pós-graduação *lato sensu* têm contribuído para a formação continuada desses profissionais e continuarão tendo a sua relevância. Contudo, o número de cursos, de arquivistas, de eventos, de pesquisas cresceu muito nos últimos anos. As demandas e a visibilidade da área e do profissional também aumentaram. Há que se buscar mais espaços de estudo, investigação, reflexão e interlocução. Sem desconsiderar os espaços existentes, os mestrados e doutorados trarão, indubitavelmente, frutos mais maduros para a Arquivologia brasileira, que já tem a sua identidade.